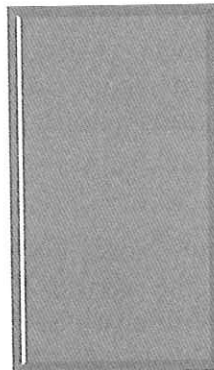


Maria Lucia de Amorim Soares (*)

*O jogo da amarelinha(**): apontamentos
para uma leitura dos 500 anos*

(*) Doutora em Ciências (Geografia Humana) pela Universidade de São Paulo. Coordenadora do Curso de Geografia e professora do Programa de Mestrado em Educação da Universidade de Sorocaba – UNISO.

(**) Sirva o título deste texto como recordação do belo livro de Julio Cortázar, lançado em 1963, e já com diversas edições aqui no Brasil.



RESUMO

Fugindo às formas convencionais da trama de um texto acadêmico e tomando, como modelo, a idéia de *platô*, na acepção de Deleuze e Guattari, a autora tece considerações sobre a carta de Caminha, deslocando sua perspectiva para outros autores brasileiros conhecidos.

ABSTRACT

Fleeing the conventional forms of dealing with an academic text and taking as a model the ideal of Plato, in the acceptance of Deleuze and Guattari, the author intertwines the considerations about the letter of Caminha, dislocating his perspective to the other known Brazilian authors.

Este artigo é uma renúncia à divisão tradicional (introdução, análise, conclusão), substituindo-a por *platôs*, entendidos como “zona de intensidade vibrando sobre ela mesma”, conforme proposto por Deleuze e Guattari, através de sua obra *Mil Platôs*. Em face dessa proposta, que não necessita de começo e de fim encadeados, o texto pode ser lido a partir de qualquer lugar, sem fazer relação com qualquer outro texto, seja escrito, pensado, vivido, ocorrido, comemorado – tudo segundo os interesses do leitor particular.

É, também, um artigo que aspira à elaboração de um “pensamento nômade”, a atuar como máquina de guerra contra a “imagem do pensamento”. Máquina de guerra – contra o modelo do Estado que determina caminhos, formas e alvos; que opera contra o aparelho estatal numa luta constante, enquanto “destruidora de imagens”. Tudo no caminho polifacético de Deleuze e Guattari.

1. O homem. A carta.

Pêro Vaz de Caminha é seu nome de pia. Pouco de si lhe ficou como rastro de existência carnal. Não há registro do dia de sua nascença, do ano ou do mês. Não teve o rosto retratado nem biografias que lhe mencionassem o modo de ser, jeito de olhar ou a confirmação do corpo. Era cidadão letrado e imbuído de espírito observador, perspicaz e cristão. Escrivão da frota de Cabral, tece vasta tapeçaria sobre o Brasil, referindo-se à originária gente como *homens, gente, eles, o povo incivilizado*: “Entraram, mas não fizeram sinal de cortesia, nem de falar ao Capitão nem a ninguém... Esses fatos me induzem a pensar que se trate de gente bestial e de pouco saber, e por isso mesmo tão esquiva. Mas, apesar de tudo isso, andam bem arrumados e limpos... porque os seus corpos são tão limpos, tão gordos e tão formosos.”

Essa é uma escrita livre, a partir do que se vê. E escrita durante nove dias. Caminha escreve para ser verídico, impessoal, objetivo. Precisa renomear as coisas do mundo novo: “bico de osso” para o batoque, “pano de penas” para a tanga. Escreve pura e simplesmente: “Ali andavam entres eles três ou quatro moças, muito novas e muito gentis, com cabelos muito pretos e compridos, caídos pelas espáduas, e suas vergonhas tão altas e tão cerradinhas e tão limpas das cabeleiras que, de as muito bem as olharmos, não tínhamos nenhuma vergonha”.

A Carta de Caminha data de 1º de maio de 1500. No acontecer destes 500 anos da Carta (a criatura), esta é reverenciada; porém, muito pouco do criador (Caminha). Foi devorado o autor.

2. Musa praguejadora

“Eu sou aquele que em passados anos
cantei na minha lira maldizente
torpezas do Brasil, vícios, e enganos”.

Gregorio de Matos Guerra é seu nome de pia. Tem existência carnal, há registro de nascimento, 1633 – e de morte, 1695. Nasceu na Bahia, estudou no colégio dos jesuítas, diplomou-se em Direito na cidade de Coimbra. O caráter irreverente das sátiras que escrevia provoca sua expulsão de Lisboa e o degredo do Brasil para Angola:

1
Que falta nesta cidade? Verdade.
Que mais por sua desonra? Honra.
Falta mais que se lhe ponha? Vergonha.
O demo a viver se exponha
Por mais que a fama a exalta,
Numa cidade onde falta
Verdade, honra, vergonha.

2
Quem a pôs neste socrócio? Negócio.
Quem causa tal perdição? Ambição.
E o maior dessa loucura? Usura.
Notável desventura
De um povo néscio, e sandeu,
Que não sabe o que perdeu
Negócio, ambição, usura.
Quem herdou a lira maldizente? Foi devorado o autor.

3. Tupy, or not tupy

Parodiando Hamlet, personagem de Shakespeare, na medida em que faz um questionamento sobre sua própria existência (“To be or not to be,

that is the question”), chega Oswald de Andrade (é seu nome de pia). Sua entidade carnal tem início em 1890, um ano após a proclamação do República. Bacharel em Direito, viveu de rendimentos imobiliários, com reverses de fortuna, até 1954, quando morre.

Apanhando uma informação da Carta de Caminha (“Na noite seguinte ventou tanto sueste com chuvaceiros que as naus desviaram-se do rumo, e especialmente a capitania”), realiza, poligraficamente, o poema “Erro de português”:

Quando o português chegou
Debaixo de uma bruta chuva
Vestiu o índio
Que pena!
Fosse uma manhã de sol
O índio tinha despido
O português.

O autor aproveitou-se do elemento humorístico para explorar a profundidade do problema da identidade nacional. O Brasil, enquanto depósito de idéias estrangeiras, devia ser deglutido. Foi devorado o autor.

4. A patela

Em 14 de abril de 2000, a caminho do sul da Bahia para uma manifestação paralela às comemorações dos 500 anos do “descobrimento”, cerca de mil índios de 20 tribos desembarcam em Brasília. Fizeram uma marcha pela Esplanada dos Ministérios e, mais tarde, no Congresso, ameaçaram com uma flecha o presidente do Senado, Antonio Carlos Magalhães. O índio Henrique Suruí, de Rondônia, cobrou-lhe a demarcação das terras indígenas e a aprovação do Estatuto do Índio, pelo Legislativo.

Do Congresso, os índios foram ao Planalto para uma reunião com o Presidente Fernando Henrique Cardoso. Iniciaram sua marcha na Torre de TV, no Eixo Monumental, por volta das 9h30, já mostrando que estavam dispostos à guerra, com pinturas características, muitos arcos, flechas e lanças.

Ao se aproximarem do relógio comemorativo dos 500 anos, a marcha parou. Os índios ficaram em posição de ataque e atiraram flechas, na tentativa de paralisar o aparelho. Os ponteiros marcavam 10h35, e continua-

ram rodando. Três índios foram para a parte de trás do relógio e lançaram mais algumas flechas. Os ponteiros continuaram rodando.

Os índios foram devorados pelo tempo. Globelógio! Mostrumento!

5. Fazer rizoma

É preciso criar devires, fazer rizoma, segundo Deleuze e Guattari:

“Existem linhas que não podem ser resumidas em trajetórias de um ponto e que fogem da estrutura... Evoluções não paralelas, que não procedem por diferenciações, mas que pulam de uma linha para outra... fissuras, rupturas, imperceptíveis, que quebram as linhas... é tudo isso o rizoma.” (1995:140).

Fazer rizoma para não sermos todos devorados já que

“As coisas são,
As coisas vêm,
As coisas vão.
Vão e vêm,
Não em vão.
As horas
Vão e vêm.
Não em vão

(Oswald de Andrade, *O relógio*)

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. ANDRADE, Oswald. Manifesto Antropófago. In: **Obras completas de Oswald de Andrade: do pau-brasil à antropologia e às Utopias**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2. ed., 1978.
2. CORTÁZAR, Julio. **O jogo da Amarelinha**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000.
3. DELEUZE, Gilles e GUATTARI, Félix. **Mil platôs**. Rio de Janeiro: 34, 1995.
4. SIMÃO, José. Artigos publicados na **Folha de S. Paulo**, abril, 2000.
5. TELES, Gilberto Mendonça. **Vanguarda européia e modernismo brasileiro**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1983.
6. TUPIASSU, Amarilis. Caminha e a carta de Caminha. **Asas da Palavra**. Universidade da Amazônia, v. 5, n. 10, 1999.